

## CRISE NA NEUROLOGIA

## QUATRO ANOS DE INTERVENÇÃO NA NEUROLOGIA

# Sucessão revela mazelas do Instituto

A recente abertura do processo de eleição no Instituto de Neurologia Deolindo Couto (INDC) detonou um barril de pólvora que está há tempos para explodir. O Instituto que está sob intervenção há quatro anos, sofre de esvaziamento crônico e desintegração. Funcionários denunciam a situação e questionam a forma como foi convocado e está sendo conduzido o processo eleitoral na unidade. O diretor-geral *pro tempore*, José Luiz de Sá Cavalcanti, rebate as acusações e afirma que não passa de "politicagem". Ele declara que está para se aposentar e não tem nenhum interesse em se perpetuar no poder. "Tenho história nessa universidade e não vou deixar que a manchem deliberadamente", afirma.

O SINTUFRJ cobra do reitor normalização da unidade. O coordenador-geral do Sindicato, Jéferson Salazar, chama a atenção para o fato de que desde o ano passado têm sido feitas cobranças a Aloísio Teixeira. Na sessão do Conselho Universitário, dia 12, ele anunciou o problema: "A intervenção do INDC, a exemplo do Hesfa, é longa e assim é a origem de gestões autoritárias com histórico de perseguições, assédio, intimidações e afastamento de servidores docentes e técnico-administrativos que culminaram com o desmonte dos serviços públicos e linhas de pesquisa." O próprio reitor comprometeu-se a encerrar a intervenção, a última ainda existente na universidade.

A categoria dos técnicos-administrativos tem posição congressual de defesa do INDC que reivindica a convocação de um processo, eleitoral democrático e participativo de toda a comunidade. O representante dos técnicos-administrativos no Consuni, Cláudio Heitor, denunciou no Conselho de Centro do CCS, semana passada, a forma antidemocrática como estava sendo conduzido o processo eleitoral. "Não reivindicamos nada além da restituição da normalidade da vida acadêmica do Instituto", declara.

Diante da gravidade da situação o Sindicato convocará esta semana uma reunião para ouvir os funcionários.

### Pacientes afirmam que serviço piorou

O Grupo de Apoio aos Pacientes com Esclerose Lateral Amiotrófica e Doenças do Neurônio Motor (ELAV/DNM), chamado de GAPE, vem tentando desde fevereiro realizar reunião com a direção do INDC para discutir o atendimento a estes pacientes. Sem sucesso até então, o GAPE produziu documento reivindicando qualidade no atendimento pelo INDC que será encaminhado à direção da Neurologia, ao reitor da UFRJ, aos Ministérios da Saúde e da Educação, a parlamentares e à presidência da República. No documento o grupo afirma que o atendimento piorou:

"Estamos sentindo a degradação no atendimento dessa instituição, em sentido contrário à crescente necessidade de implantação de outros serviços necessários à melhoria da qualidade de vida dos pacientes. De acordo com relatos de pacientes e/ou cuidadores, o atendimento, que já deixava a desejar, piorou consideravelmente em face de medidas recentemente adotadas, a saber: redução no horário de atendimento; dispensa de profissionais especializados; fechamento da Enfermaria e da Neurocirurgia; redução do número de médicos residentes.

Tais medidas violam os direitos de obter assistência à saúde do cidadão acometido por essa enfermidade e suas complicações."

### Perplexidade

A médica Marli Pernes, 62 anos, que está na Neurologia há 21 anos, desabafa: "Nunca vi uma situação como esta. Nunca aconteceu de não poder internar um paciente. É muito preocupante. E ao invés de melhorar, vejo piorar cada vez mais." Ela coordena o Serviço de Esclerose Lateral Amiotrófica, que é referência de tratamento no Rio de Janeiro.

### Consequências

Do ponto de vista administrativo, as ações internas passaram a ser delegadas e centralizadas por duas pessoas, supostamente com a anuência da direção.

Do ponto de vista assistencial e acadêmico, questões como: a criação de um plano acadêmico para a inserção do INDC no contexto acadêmico da UFRJ; a certificação como hospital universitário junto ao MEC/Ministério da Saúde; a incor-

poração de novos professores e linhas de pesquisa; a adequação estrutural necessária ao desenvolvimento das atividades docentes e assistenciais, foram progressivamente relegadas a segundo e terceiro planos.

Em 2006 a Residência Médica em Neurocirurgia foi posta sob diligência, tendo em vista estas inadequações. O grupo de residentes mobilizou-se para obter o compromisso de que as mudanças exigidas fossem atendidas em tempo hábil. O prazo esgotou-se e a residência em neurocirurgia foi descredenciada no ano de 2007.

Os coordenadores da residência

médica, ao buscarem integrar os residentes ao programa correspondente do HUCFF, para suportar a conclusão do curso aos então residentes à época, se confrontaram com a desautorização pelo diretor-geral da realização de qualquer cirurgia no sistema nervoso central no INDC. "Foi uma pá de cal no programa de residência", diz Cláudio Heitor. As atividades neurocirúrgicas foram interrompidas, seguindo-se a interrupção regular das internações clínicas neurológicas. Hoje, segundo ele, não há mais internações regulares na Neurologia solicitadas pelo corpo clínico.

Fotos: Cícero Rabello



JÉFERSON: "Longa intervenção gerou crise"

## Entenda o caso

Com um histórico de poder concentrado em figuras históricas desde sua fundação (Deolindo Couto, Helcio Alvarenga, Gianni Temponi), o Instituto de Neurologia Deolindo Couto vive uma crise desde a última eleição, quando o reitor Aloísio Teixeira colocou uma direção *pro tempore* para contemplar um acordo entre os docentes. A unidade teve três candidatos — José Mauro Braz Lima, Marleide Motta Gomes e José Luiz de Sá Cavalcanti —, e em vez do eleito (José Mauro) tomar posse, um acordo instituiu a direção provisória devido ao conflito entre os docentes. O processo de consulta interna foi conduzido com muitas turbulências.

Então, cada candidato ganhou um cargo diferente para uma direção conjunta, sendo o diretor-geral o professor José Luiz, que fora o terceiro indicado na consulta. Assim, o corpo técnico-administrativo da unidade assistiu ao acordo temeroso. A comunidade acadêmica não foi chamada a opinar, sendo todas as questões decididas pelo grupo de quatro professores da unidade, incluído nele o professor Luiz Antônio Duro. O resultado foi o esvaziamento da unidade e mais conflitos internos. Hoje, a direção e o poder se concentram nas mãos do diretor-geral José Luiz de Sá Cavalcanti e na diretora financeira Rosclair Mendes. Problemas envolvendo projetos do instituto, questionamentos de técnicos-administrativos e perseguições foram denunciados à Reitoria. Com a necessidade da abertura do processo eleitoral os problemas vieram à tona.



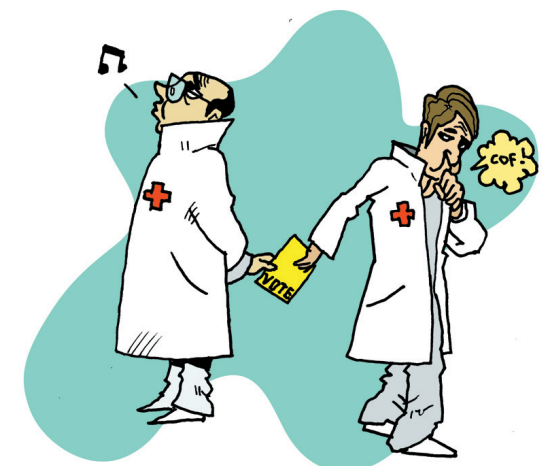
## Eleição para quem?

Numa eleição estamos acostumados a ver cartazes, propaganda, disputas, isto é, o clima de um processo democrático e transparente. Mas na Neurologia parece que nada está acontecendo. No Instituto você não vê nada. Apenas se encontra afixada em murais dentro da unidade a reprodução do documento produzido pelo presidente da Comissão Eleitoral, Darcy Roberto Lima, informando estarem abertas as inscrições entre os professores para a elaboração da lista de escolha por parte da comunidade dos nomes para o cargo de diretor e vice da unidade. Informa também as datas da consulta (31/3, 1/4 e 2/4) e um debate entre os candidatos dia 27 de março. Quanto às inscrições dos candidatos, elas poderão ser efetuadas

no gabinete da Direção. E ponto final.

Além do professor Darcy, fazem parte da Comissão a funcionária

Jane Calegario e um residente. Procurada pelo Jornal do SINTUFRJ, Jane disse que não tinha conhecimento do documento. Questionada



sobre a forma como estava sendo aberto o processo de consulta — sem regimento eleitoral com as normas para organizar o pleito e ausência de ampla divulgação —, ela disse que não havia participado de nenhuma reunião da comissão para discutir o assunto. "Fui convidada há quinze dias pelo diretor José Luiz para participar da Comissão Eleitoral. No que aceitei. Mas não houve a formalização disto. Como também desconheço o documento do professor Darcy. Como é datado do dia 5, talvez tenha sido feito nos dias que tive de me ausentar", declara a funcionária.

O diretor-geral disse desconhecer o documento. E se mostrou surpreso ao vê-lo com a reportagem. Ele admitiu que a forma da convocação não estava correta.

## Diretor nega tudo

JOSÉ LUIZ AFIRMA QUE DESCONHECIA o documento de convocação da eleição e se diz injustiçado pelas acusações de desmonte da Neurologia



O diretor-geral *pro tempore* do Instituto de Neurologia, José Luiz de Sá Cavalcanti, diz que tem havido investimentos na unidade e que os questionamentos e as acusações são infundados. Ele argumenta que o fundo é político e que se está levantando a questão por conta da eleição. "Tudo isso parte de pessoas que não têm competência para falar de mim. São inverdades. É tudo fruto de politicagem." Segundo ele, as enfermarias e a cozinha passam por reformas, e tudo o que foi feito caminhou no sentido de melhorar o INDC. "Estava um caos quando assumi."

Sobre o descredenciamento da residência em neurocirurgia, o diretor explicou que a situação em que se encontrava o Instituto não permitiu que se cumprisse as exigências. Não foi ele o responsável. "A partir de 1995 começou a questão da residência médica no hospital e quem levantou o fato foi a Comissão Nacional de Residência Médica. O diretor era Gianni Temponi. A comissão estadual que condenou as condições, isto antes de minha direção. Quero deixar bem claro." José Luiz informa também que foi recomendado pela comissão

nacional que os residentes fossem transferidos para o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF).

Sobre a UTI, explicou que não existe recursos para mantê-la. E desde 2005 tenta obter mais verbas com o Ministério da Saúde. "Veja a injustiça. E dizem que não façam nada. Este hospital era para estar fechado!". Segundo o diretor, o Ministério da Saúde priorizou a UTI em Neurocirurgia no HUCFF. "O serviço é um só, e não se justifica ter dois em unidades hospitalares diferentes. Isso foi dito por Jorge

Marcondes, chefe da Neurologia do HU. Não estou operando por um motivo simples: o professor não quis continuar operando aqui. Mas continuamos com procedimentos mais simples."

O diretor finaliza suas declarações ratificando que tem história e uma vida inteira dedicada à universidade. "Tenho 62 anos, passei por vários cargos, estou para me aposentar e não tenho pretensões políticas de me perpetuar no poder. Você não acha que tenho amor à Instituição? Não vou deixar que manchem minha história."